



McKenzie Wark

tradução Nuno Quintas

posfácio Odete

ORFEU
NEGRO

Raving

Este livro beneficiou de um apoio à publicação do Governo Australiano através do Creative Australia, o seu principal órgão de investimento e consultoria artística.



Australian Government



TÍTULO ORIGINAL

Raving

AUTORA

McKenzie Wark

TRADUÇÃO

Nuno Quintas | oficinaaixaalta.pt

POSFÁCIO

Odete

REVISÃO

João Berhan

CONCEPÇÃO GRÁFICA

Rui Silva

CAPA E CONTRACAPA

Montagem de Rui Silva sobre fotografias de McKenzie Wark

PAGINAÇÃO

Rita Lynce

IMPRESSÃO

Lidergraf – Artes Gráficas

COPYRIGHT

© 2023 Duke University Press

Todos os direitos reservados

Fotografias © McKenzie Wark

© 2025 Orfeu Negro

1.ª EDIÇÃO

Lisboa, Outubro 2025

DL 553503/25

ISBN 978-989-9225-32-9

ORFEU NEGRO

Rua Silva Carvalho, n.º 152 – 2.º

1250-257 Lisboa | Portugal

www.orfeunegro.org

ÍNDICE

1. A rave como prática	11
2. Xenoeuforia	23
3. Femunismo de ketamina	35
4. Luxuriamento	49
5. Abstracção ressonante	67
6. Máquina Excessiva	105
Notas às imagens	127
Glossário de conceitos	131
Notas	137
Bibliografia	147
Agradecimentos	161
Des-fácio	165
ODETE	

Assim também a graciosidade, depois de, por assim dizer, o conhecimento ter atravessado o infinito, volta a apresentar-se; e de tal maneira que surge em simultâneo e de modo mais puro naquela estrutura de um corpo humano que ou não possui consciência alguma, ou possui uma consciência infinita, i.e., ou no boneco articulado, ou num deus.

Sendo assim, disse eu, um pouco abstraído, teríamos de voltar a comer da Árvore do Conhecimento para regressarmos ao estado da inocência.

Sem dúvida, respondeu ele; esse é o último capítulo da história do mundo.

HEINRICH VON KLEIST, *Sobre o Teatro de Marionetas e Outros Escritos*. Trad. port. José Miranda Justo. Lisboa: Antígona, 2009.

A todas as minhas scouts e ravens



1. A RAVE COMO PRÁTICA

O que procuro à partida na rave: quem precisa dela e, entre quem dela precisa, quem consegue gerir o hábito de a frequentar?

Venho cá fora. No pátio, onde faz mais fresco. Sinto os pés estropiados a latejar. Estou apoiada em... alguma coisa, ou em alguém. Cansaço bom. Descanso os pés. Bebo água. O céu clareia. Penso se devo ir para casa. Perdi a minha grupeta: chamemos-lhes Z e E. Acho que ainda andam algures por aqui. Na boa. Um momento sozinha, mas não sozinha.

Olho para as pessoas. Em pequenos grupos, umas sentadas, outras de pé. Julgo ver o B e H, talvez a A. Gosto do facto de estar sobretudo o público que precisa disto. Estou com predisposição química para gostar. Há já um bocado que estou em ecstasy, o ombro vacila, quase caio ao chão¹. Mesmo debaixo desta luz irritante, estas pessoas ainda me parecem seres humanos com quem quero estar. Nem sempre é fácil ser uma raver de meia-idade obviamente transgénero. Agora, a minha situação é: nem me rejeitam nem atraio as atenções.

Começou quando vi pela primeira vez o cartaz. Não um cartaz real. A minha amiga Q enviou-mo por DM. Quadradinho de informação visual. Marquei a data no calendário e deixei livre o dia a seguir. É uma rave queer em Nova Iorque, que acontece



desde 2015. Os cartazes sugerem um certo universo contido de possibilidades. Que vai ser uma rave, isso vai. As pessoas que vão fazer DJ são incríveis. Talvez haja uma espécie de temática. Não se sabe onde acontece, mas há palpites.

O grafismo também dá a entender algo diferente. Cada cartaz assume e recicla um estilo qualquer. A ideia é mais ou menos essa. Apropriação do espaço. Apropriação das máquinas. Apropriação da química. Jogar no interior dos signos, da tecnologia, da propriedade. Pelo menos um tempo. Já não há exterior, mas talvez possamos encontrar dentro de nós um mundo fractal. Isso é que era uma boa rave.

Numa noite boa, numa boa rave, tudo converge na tensão exacta entre invenção e intenção. Toda a gente desempenha um papel. Esse papel em parte é trabalho: W serve bebidas no bar. A N assume o monitor. S, que organiza a rave, distribui senhas de bebidas. Eis O, que nos dá um grande abraço e um sorriso caloroso. Mas ninguém se diverte se só cá viermos consumir trabalho alheio.

A maioria do público queer e trans das raves de Nova Iorque sabe disso. Há quem venha dar nas vistas, e há quem venha suar na pista. Eu sou do último tipo. Quero andar animada e ser animada na pista. Um nó no campo ondulante de instâncias carnavais e ébrias no ar pulsante.

Esta é a promessa de uma boa rave: absorve a situação. Acrescenta-lhe algo. Diversifica-a. Actualiza-a, reanima-a. Dá-lhe sotaque e movimento sincronizados. Não importa o que fazemos, o momento há-de dar lugar ao momento seguinte. As máquinas de ritmo excedem-nos. Implacáveis. Desviaram o que dantes

chamávamos história. Mas ainda há espaço entre as batidas, um espaço por vir.

A batida chama-nos. Tenho de voltar à pista. Já descansei estes pés estropiados que chegue para ter vontade de mais. Vou circulando entre corpos dispersos pelo pátio. Cruzo novamente o limiar. Onde está escuro, quente, barulhento, há uma névoa embebida de luz ordinária. A batida invoca-me. Invoca-me a este tempo dentro da máquina em que estamos, que continua independentemente de nós, mas dentro da qual, aqui, nesta situação construída com afecto, arte de mãos muitas, iremos arder numa fúria animal, até parar.

Danço perto da DJ Goth Jafar. Está uma miúda ao meu lado, chamemos-lhe F. Somos o quê? Não sei. Amigas coloridas, talvez? Quem sabe só companheiras ocasionais das raves. Não interessa, esta noite ela dá-lhe bem. E não me refiro só aos cogumelos. Ela é movimento puro, puro prazer. Precisa disto. Reluz de suor. Entro em modo mãe raver. Não é que ela não saiba tomar conta de si. Testemunhou combates noutra vida, noutro género. Toco-lhe ao de leve no ombro. Vira-se, faço-lhe o gesto e grito: «Água?» Iá. Vou buscar.

Ao lado dela está o que o meu amigo raver B chama *corta-mocas*, ainda que, como veremos, não seja um dos piores. O corta-mocas é alguém que de alguma maneira torna difícil entrarmos na rave. Deixa-se ficar de pé em frente a quem está a fazer o set, a olhar para o telemóvel. Vira-se para o amigo, outro corta-mocas. Falam aos berros. Ele levanta a lata e derrama a cerveja pelas pessoas à volta. Quando volto com a água, a F afastou-se dele.

As raves satisfazem muitas necessidades, interesses, desejos. De distração, entretenimento, exercício, romance, sexo e etc. Outras práticas podem satisfazer isso tudo. Interessa-me um conjunto concreto de necessidades e um espectro particular de pessoas para as quais a rave é a necessidade.

Os corta-mocas não me interessam. Menos ainda o que H, outra pessoa das raves próxima de mim, chama *colegas*, pessoas que só querem uma noite de borgia para poderem voltar ao escritório na segunda e falarem disso. Evitei os corta-mocas, e acabámos ao lado de um colega. Ele está a sentir a cena, mas talvez demasiado. Não julgo, conheço a sensação. Mas torna impossível dançarmos ao pé dele. É hiper-rápido, faz uns moves erráticos, atira-se de um lado para o outro como se a pista não tivesse mais ninguém. Mudamos outra vez de lugar.

Interessam-me as pessoas para as quais a rave é uma prática colaborativa que torna esta vida suportável. Poderia recorrer a um sem-fim de metáforas: a rave como vício, ritual, performance, catarse, sublimidade, graça, resistência². É melhor não tirarmos grandes conclusões antes de lá chegarmos. Deixemos emergir alguns *conceitos* da rave na prática e na observação³. Vou-te levar à rave.

O método que vou usar para escrever sobre raves será descrever algumas situações, com pormenores variados e avulsos, salientar conceitos que emergem e fechar tudo num destilar desses conceitos antes de a batida parar, ou melhor, antes de o livro acabar⁴.